

Europa e China derrubam os mercados pelo mundo

Os mercados europeus tiveram um dia de volatilidade ontem, repercutindo uma série de indicadores mistos da economia da China e também dois comentários de membros do conselho do Banco Central Europeu (BCE), sobre os estímulos monetários na zona do euro. No começo da manhã, as bolsas operavam em terreno positivo, influenciadas pelas vendas no varejo e produção industrial do gigante asiático. Entretanto, intensificaram a trajetória de queda quando Benoît Couéré e Jozef Makuch afirmaram que não há necessidade de mais um relaxamento monetário na zona do euro. O índice Stoxx Euro 600 caiu 0,71%, aos 314,91 pontos.

Durante a manhã também foram divulgados os últimos indicadores da produção industrial da Europa. A produção industrial da França caiu pela quinta vez em seis meses em outubro, segundo dados do instituto nacional de estatísticas, Insee.

A queda, em comparação com setembro, foi de 0,3%, depois de uma redução revisada de 0,3% registrada em setembro ante agosto. No Reino Unido, contudo, o avanço foi de 0,4% na mesma comparação, abaixo da previsão de 0,5% feita por analistas. Na Itália, a produção industrial cresceu 0,5% na base mensal, acima da alta esperada de 0,3%.

Diante dos dados chineses, entretanto, os números da indústria europeia ficaram em segundo plano. A produção industrial da China cresceu em um ritmo anual de 10% no mês de novembro, pouco abaixo dos 10,3% em outubro. As vendas no varejo registraram avanço anual de 13,7% no mês passado frente a 13,3% em outubro. Os números indicam que a segunda maior economia do mundo permanece no caminho da recuperação, o que impulsionou os mercados europeus.

Por volta das 12h (de Brasília), os principais mercados começaram a operar em terreno negativo. As quedas se intensificaram após comentários dos membros do conselho diretor do BCE, Benoît Coeuré e Józef Makuch, que afirmaram não ver necessidade de mais relaxamento monetário no bloco, já que não existem fortes pressões deflacionárias na região.

Os comentários de Coeuré e Makuch vão de encontro aos pensamentos do presidente do BCE, Mario Draghi, que também se pronunciou ontem. Segundo Draghi, os baixos índices de inflação não são indícios de uma síndrome deflacionária. "Se olharmos para as expectativas de inflação no médio prazo, isto é, um intervalo de tempo maior que o do horizonte de previsão, podemos ver que elas estão bem ancoradas", explicou.

As bolsas atingiram as mínimas da sessão quando a diretora do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, alertou contra a complacência e também o triunfalismo europeu e disse que a "crise não pode terminar com a taxa de desemprego em 12% na Europa". "As taxas de crescimento e os níveis de produção ainda permanecem bem abaixo de onde deveriam estar", destacou. Lagarde frisou que o crescimento na zona do euro é tão desigual que pode se tornar insustentável.

Os ministros de Finanças da União Europeia (UE), que formam o Ecofin, também se reuniram ontem, mas não conseguiram chegar a um acordo sobre novas regras para reduzir o sigilo bancário e a evasão fiscal. Os chefes do governo da UE vão tentar superar o impasse em outra reunião marcada para o fim da próxima semana, em Bruxelas.

Em Paris, o índice CAC40 teve a maior queda entre as bolsas da região e fechou na mínima de 1,04%, aos 4.091,14 pontos. As ações que mais caíram foram as de empresas exportadoras, pressionadas por um euro mais forte em relação ao dólar. Os papéis da EADS foram o destaque negativo do pregão e recuaram 2,6%, com novos detalhes sobre o plano de reestruturação. Já as ações da STMicroelectronics subiram 4,2% com a revisão das perspectivas para o quarto trimestre.

Portugal melhora

A economia de Portugal está gradualmente se recuperando e deve crescer 0,8% em 2014 na medida em que o consumo privado e as exportações ganham força, disse hoje o Banco de Portugal.

Em relatório, o BC português projetou que o Produto Interno Bruto (PIB) do país vai crescer 1,3% em 2015, apesar de ter alertado que mais medidas de austeridade podem prejudicar a recuperação. Este ano, a previsão é de contração de 1,5% do PIB.

Portugal está no fim do seu programa de resgate de 78 bilhões de euros (US\$ 107,2 bilhões) em empréstimos, que termina em meados de 2014. Apesar de o governo estar evitando outro resgate, autoridades deixaram claro que as políticas de austeridade devem continuar para que o país atenda suas metas orçamentárias de longo prazo.

O primeiro-ministro português, Pedro Passos Coelho, anunciou fortes cortes de gastos em 2014 para reduzir o déficit orçamentário a 4% do PIB, de 5% do PIB este ano. O Banco de Portugal afirmou que, com esses cortes, o consumo vai cair fortemente, mas as exportações devem crescer, o que acabará impulsionando também o consumo interno.

Fonte: DCI, São Paulo, 11 dez. 2013, Primeiro Caderno, p. A10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais